

**O APPENDIX PROBI E SUA CONTRIBUIÇÃO  
PARA O ESTUDO DAS MUDANÇAS FONÉTICAS  
DO LATIM ATÉ AS LÍNGUAS ROMÂNICAS**

*Henrique Martins de Moraes (UFMG)*  
[alaenocis@yahoo.com.br](mailto:alaenocis@yahoo.com.br)

**RESUMO**

Este artigo fala sobre a importância do texto conhecido como *Appendix Probi* para a filologia românica. Começamos fazendo uma pequena digressão por Roma falando sobre a natureza do latim vulgar para depois discutir sobre a identidade do escritor do texto, *Probius*. Então falamos sobre os chamados metaplasmos, as mudanças fonéticas, e como elas estão presentes e exemplificadas no *Appendix* e explicamos a evolução fonética de algumas palavras desde o latim até o português e o espanhol.

**Palavras-Chave:** Appendix Probi. Latim. Metaplasmos.

**1. Introdução**

O latim era a língua falada pelos romanos e também por todos os povos que estava sob seu domínio. O processo de colonização romano se tratava de uma campanha militar e um posterior domínio político onde as instituições romanas, como os fóruns e os tribunais, eram levadas até as regiões conquistadas, criando assim uma pequena Roma no novo território. A língua romana chegava primeiro com os soldados, que, muitas vezes, recebiam do Império um pequeno terreno na área conquistada e ali ficavam, construindo casa e se mesclando com a população local. Também a elite bárbara era seduzida pelo fausto imperial e muitos chefes ou filhos de chefes foram a Roma para aprender a língua e a cultura romana para depois retornar às suas terras e exercer funções importantes no sistema administrativo romano.

O Império não tinha um plano de assimilação para essas população nas áreas conquistadas mas, pouco a pouco, foram deixando de praticar seus costumes e de falar sua língua, foram lentamente se romanizando. Óbvio que esse processo não foi súbito. Ele se passou durante vários séculos, começando pelas regiões próximas a Roma, no Lácio, para depois avançar pela Gália, Hispânia e Norte da África, até chegar a Dácia. Esta assimilação do latim por parte das populações conquistadas se passou de uma maneira irregular, onde as línguas faladas por estes povos deixaram marcas na sua pronúncia e vocabulário, quando falavam a lín-

gua de Roma. Mas o latim falado na cidade de Roma não era também regular. Ele se dividia em várias maneiras distintas de falar, para as quais os romanos davam nomes distintos. Havia o *sermo nautae* (a linguagem dos marinheiros), o *sermo rusticus* (a linguagem dos camponeses), o *sermo nobilis* (da nobreza) e muitos outros mais foram catalogados.

## 2. A dialeção do latim

Com essa pequena digressão, podemos falar de uma dialeção do latim; ou seja, a sua divisão em uma multidão de dialetos. Todos estes dialetos eram compreensíveis para os falantes, mas havia uma divisão mais importante, que criava efetivamente dois canais de comunicação. Estamos falando da divisão entre o latim chamado clássico e o latim vulgar (o *sermo vulgaris*, de acordo com os romanos). Sobre esse abismo existente entre as duas variedades da mesma língua nos fala Coutinho (1968, p. 29-30):

Diz-se latim clássico a língua escrita, cuja imagem está perfeitamente configurada nas obras dos escritores latinos. Caracteriza-se pelo apuro do vocabulário, pela correção gramatical, pela elegância do estilo, numa palavra, por aquilo que Cícero chamava, com propriedade, a *urbanitas*. Era uma língua artificial, rígida, imota. Por isso mesmo que não refletia a vida trepidante e mudável do povo, pôde permanecer, por tanto tempo, mais ou menos estável. Chama-se latim vulgar o latim falado pelas classes inferiores da sociedade romana inicialmente e depois de todo o Império Romano. Nestas classes estava compreendida a imensa multidão das pessoas incultas que eram de todo indiferentes às criações do espírito, que não tinham preocupações artísticas ou literárias, que encaravam a vida pelo lado prático, objetivamente.

Esta opinião cria uma divisão na sociedade romana, onde temos os que falam o latim castiço e a outra parte, inculta, que falaria o latim vulgar. Mas há outra forma de divisão entre as duas variedades da língua, e essa tem relação não com os falantes, mas com a forma de falar e o local onde se deveria utilizar a variedade erudita. Creio que esta está mais próxima da realidade histórica com a qual vamos trabalhar, que é o século III d.C., quando as mudanças fonéticas já eram fortes e o latim falado, mesmo pelas classes da nobreza, já não era mais o mesmo. Sobre essa segunda possibilidade de definição nos fala Silva Neto (1957, p. 46):

Uma língua coletiva, falada, provida de meios de expressão que nem sempre eram julgados dignos de ascender às páginas da literatura. Essa língua falada era multimoldada e complexa, não obedecia às normas rigorosas por que se pautava ou se devia pautar a língua escrita.

A verdade é que os estudiosos não chegaram a uma conclusão

precisa sobre a natureza do documento. O que eu farei é apresentar uma série de possibilidades que foram criadas sobre a data e o autor do *Appendix*. Sobre o autor, há duas possibilidades. Uma seria de que ele é um mestre escolar, um professor como muitos outros. De acordo com essa teoria, os “erros” compilados no documento são os erros que seus alunos cometiam quando estavam no processo de aprendizagem do latim. Essa teoria levou a uma série de estudos muito temerosos que achavam que os erros eram provenientes de alunos falantes do latim da época, os quais mostram claramente como era o latim falado naquele período de sua evolução. Com isto, bastaria descobrir a data correta do documento e se teria um panorama preciso da língua pronto para ser utilizado nos estudos românicos.

*L'interpretazione reque viene riassunta da Elcock, in un autorevole manuale di linguistica romanza, nei termini seguenti: siamo inclini a ritenere che la lista sia stata compilata da un maestro di scuola, così come oggi un insegnante potrebbe compilare un elenco degli errori di ortografia più comuni tratti dagli esercizi dei suoi alunni; ma in una scuola romana, così come attualmente, molti di questi errori avevano la loro origine nella pronuncia corrente.* (MANCINI, 2007)

Eu disse temeroso anteriormente porque há uma segunda possibilidade sobre quem seria o autor, segundo a qual seria um gramático, um reformador que viu o latim clássico degenerar-se e fez uma compilação de erros encontrados em textos de várias proveniências, com o objetivo de auxiliar a escrita e restaurar o que ele achava ser a forma correta de utilização da língua romana. Esta hipótese é muito mais complexa e cria vários problemas para os romanistas, já que os erros compilados são provenientes de séculos e épocas diferentes, o que demanda um estudo mais preciso para determinar uma possível datação para cada fenômeno linguístico contido no *Appendix*. É conhecido que a maioria dos fenômenos apontados já era encontrada nos *graffiti* de Pompeia<sup>69</sup>, como a síncope das vogais pós-tônicas e também a síncope de várias consoantes finais, como o “m” no caso acusativo, ou o “t” na terceira pessoa do presente. Ilari (1999) cria uma periodização sobre isso das consoantes finais no latim.

Período latino: cai o *m* final, exceto nos monossílabos: *hominem* > *ome-*

---

<sup>69</sup> Ilari (1999, p. 69) nos dá um exemplo dos *graffiti* de Pompeia: “Esta outra mostra dois traços típicos do latim vulgar: a queda da desinência -t na terceira pessoa do singular dos verbos de modo finito, e a evolução do hiato *ea* para *ia*: *Quisquis ama valia, peria qui noscit amare* [viva quem ama, morra quem não sabe amar.]”.

ne, mas *cum* > *com*; cai o *n* final (*lumen* > *lume*); dá-se a metátese do *r* final (*quattuor* > *quatro*); regionalmente, cai o *t* das terminações de terceira pessoa. O *s* final se mantém. (p.78)

### 3. Os metaplasmos

O *Appendix* tem uma importância fundamental no estudo dos metaplasmos, as mudanças fonéticas do latim. Diez, conhecido como criador da linguística românica, foi um pioneiro em utilizar o método histórico-comparativo para fazer uma reconstituição genética das línguas românicas, chegando a concluir que todas são originárias do latim vulgar, e não do latim clássico, como muitos pensavam, nem do provençal, como pensava Raynoudard. Para fazer a transição entre uma palavra de uma língua românica como o espanhol até o latim, foi criada uma série de leis fonéticas chamadas metaplasmos, que denotam várias etapas de transição entre as línguas. Todo esse trabalho tem um tom meio especulativo, incerto, onde se elaboram uma série de hipóteses para as mudanças fonéticas. O *Appendix Probi* provoca uma mudança imensa neste tipo de estudo já que podemos ver ali, observando os erros ortográficos, várias etapas diferentes do latim, que dão suporte, que materializam as especulações sobre os metaplasmos.

Vejamos a palavra *velho*, como foi bem explicado pelo romanista Rodolfo Ilari (1999). Em português, *velho* tem como correspondente o francês *viel*, o italiano *vecchio*, o romeno *vechi* e o espanhol *viejo*. Todas levam a uma forma hipotética *veclus*, que seria a forma sincopada de *veculus* ou *vetulus*, o diminutivo de sua forma clássica *vetus*, “velho”. Essa forma hipotética *veclus* tem a sua confirmação documental no *Appendix*, onde a encontramos na quinta linha: *vetulus non veclus*.

Agora vou fazer uma pequena demonstração de como estas mudanças fonéticas operam, tomando como foco as línguas portuguesa e espanhola. Vamos desde o latim clássico *vetus* até as suas formas românicas *viejo* [ˈbjexo] e *velho* [ˈvɛʎo]. Começamos pelo latim clássico *vetus*, que tem o seu diminutivo *vetulus*<sup>70</sup>. O que se passou foi a chamada síncope da vogal pós-tônica, muito comum no latim vulgar e que tem muitos registros no *Appendix*. Portanto, de *vetulus* chegamos a *vetlus*. O pro-

---

<sup>70</sup> *Vetŭlus*, -a, -um, adj: sent. Próprio: 1) Velhinho, bastante velho, velho (Cíc. Lae. 67). Subs. m.: 2) Velho, velhote (Plauto. Ep. 187). Subs. f.: 3) Velha, velhota (Plaut. Most. 275). Na língua familiar: 4) Meu caro, meu velho (Cíc. Fam. 16, 1). FÁRIA (1967) p. 1061

blema da forma *vetlus* é que o encontro de consoantes [t] era de difícil pronúncia em latim, então o que os falantes fizeram foi trocar a oclusiva alveolar surda [t] pela oclusiva velar [k]. O encontro de consoante oclusiva velar surda com uma líquida [kl] existia em palavras como *clavis*, “chave”. Assim chegamos à forma que temos no *Appendix: vetulus non veclus*. Os encontros de consoantes do latim que tinham uma oclusiva mais lateral têm uma tendência a simplificar-se em uma única consoante palatal ou próxima do palato por processo de palatalização. Então aí temos o [ʃ] do português.

É provável que em um determinado momento essa mesma consoante tenha existido em espanhol, mas os registros escritos que temos apontam para uma fricativa pós-alveolar onde há esse encontro de consoantes. Assim temos um [ʃ] em espanhol, grafada como um “j” em espanhol contemporâneo. Essa pronúncia do “j” como uma fricativa pós-alveolar é comprovado no espanhol moçárabe, que era escrito no alfabeto árabe com a letra correspondente à fricativa (ou africada) pós-alveolar. A mudança no ponto de articulação para um velar passou-se no espanhol moderno. Sobre essa mudança nos fala Laso (1977, p. 320):

La *J* española, en cambio, resultó de la evolución del fonema romance fricativo palatal sordo, escrito en castellano arcaico como *X* y pronunciado como *CH* francesa (*š*), que a fines del primer tercio del siglo XVII pasó a pronunciarse como gutural o velar (*J* moderna), replegándose aquella pronunciación hacia zonas dialectales no castellanas del este y del oeste peninsulares.

Falamos do fenômeno chamado de síncope da vogal pós-tônica e talvez essa seja a maior contribuição do *Appendix Probi* aos estudos românicos. A causa deste fenômeno está na mudança de um sistema de alternância de sílabas longas e breves no latim clássico para um que dá ênfase ao acento tônico, como ocorre hoje em todas as línguas românicas. Esta ênfase na sílaba tônica faz com que todas as vogais que estão distantes do acento sejam pronunciadas de forma débil ou mesmo nem eram pronunciadas, em especial na sílaba pós-tônica. Não sendo pronunciadas essas vogais, isso provocava uma reorganização silábica e criava novos encontros consonantais. Essa é a razão pela qual línguas como o português e o espanhol têm a maioria de suas palavras paroxítonas, com a sílaba tônica na próxima sílaba antes da última. É porque em latim clássico a maioria das palavras era proparoxítona e, com a síncope da vogal pós-tônica, tornaram-se paroxítonas. As palavras proparoxítonas que temos hoje em dia em português são em sua maioria oriundas do latim erudito do Renascimento e da Idade Média, levadas ao português por clérigos e intelectuais; por isso não sofreram o processo natural de mudança fonéti-

ca<sup>71</sup>.

O *Appendix Probi* nos dá uma quantidade enorme de exemplos desse processo de síncope, como na linha três *speculum non speclum*, onde temos outra vez a combinação de consoantes [kl] que se modificaram para uma única consoante palatal em espanhol e português, como já foi dito (esta palavra *speculum* é “espelho” em português e *espejo* em espanhol). Outro exemplo interessante que permite um pouco de especulação se encontra na linha quatorze *vacua non vaqua*. Aqui temos uma palavra em latim clássico cuja pronúncia seria [ˈvakuwa] ou [ˈwakuwa], obedecendo ao princípio de que as palavras em latim seriam em geral proparoxítonas. A segunda grafia, *vaqua*, nos indica que se passou uma reorganização silábica e a palavra passou a ser uma paroxítona, [ˈvakwa].

Há exemplos que mostram concepções já muito conhecidas pelos latinistas, como o da não pronúncia do h aspirado do latim clássico. Está na linha 207: *hostiae non ostiae*. A realização do ditongo *ae* [aɪ] como um [ɛ], na linha 184: *caelebs non celeps*. O desaparecimento da quarta declinação, de tema em “u”, pode ser visto na linha 170: *socrus non socra*. O que se passa é que a palavra *socrus* é uma palavra feminina da quarta declinação e, como é feminina, passa para a primeira declinação, de tema em “a” enquanto que a quarta declinação desaparece<sup>72</sup>.

Em alguns casos podemos ver também fenômenos típicos de determinadas línguas românicas, como o rotacismo do português, que é a mudança de uma líquida lateral [l] por um *tap* [r] quando esta está combinada com uma consoante, como na palavra *branco*, que equivale a *blanco* em espanhol e *blanc* em francês. O *Appendix* o mostra na septuagésima sétima linha: *flagellum non fragelum*. Há também alguns erros que denotam certa confusão ortográfica entre as letras “b” e “v”, o que também se observa em crianças falantes de espanhol em idade escolar. Está na septuagésima linha: *alveus non albeus*. Há outro na linha 198: *to-*

---

<sup>71</sup> Muitas “formas divergentes” presentes nas línguas românicas (lembre-se que se fala divergente sempre que temos duas derivadas de um mesmo étimo latino, uma por via popular, via latim vulgar e outra por via erudita, isto é, recriada pela iniciativa de algum “humanista” a partir do latim literário) conservam as feições diferentes que uma mesma palavra assumiu em latim culto e em latim popular: completa e proparoxítona na variedade culta, sincopada e paroxítona na vulgar. (ILARI, 1999, p. 75)

<sup>72</sup> Praticamente desapareceram a 4ª e a 5ª declinações, cujos vocábulos foram incorporados às três primeiras. Uma tendência nesse sentido atuava também em latim clássico, onde alguns nomes da 4ª e da 5ª declinações (como *exercitus, us; senatus, us; e plebes, ei*) eram esporadicamente declinados na 2ª e na 3ª (*exercitus, i; senatus, i; plebs, plebis*). (ILARI, 1999, p. 90)

*lerabilis non tolerabilis*. Outra característica das línguas românicas que se pode ver é que o latim vulgar manteve as consoantes longas e até cria novas. Temos um exemplo que remete ao italiano na centésima décima primeira linha *aqua non acqua*, onde podemos ver que a consoante oclusiva [k] se tornou mais longa [k:].

#### 4. Conclusão

Como foi demonstrado, o *Appendix Probi* é um documento preciosíssimo para o estudo das mudanças fonética do latim vulgar até as línguas românicas. Os erros ortográficos apontados pelo autor, que chamaremos de *Probius*, nos ajudam a compreender o que se passou nos séculos finais da fala latina e princípio do romance. Esse documento nos oferece uma prova documental para muitas das formas hipotéticas e intermediárias da transição do latim clássico até o português ou o espanhol e mostra que as leis fonéticas, os metaplasmos, são muitas vezes corretos e de bom uso para o estudo das línguas românicas.

#### REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

*Appendix Probi*. Disponível em:

<[http://www.orbilat.com/Languages/Latin\\_Vulgar/Vocabulary/Appendix\\_Probi.html](http://www.orbilat.com/Languages/Latin_Vulgar/Vocabulary/Appendix_Probi.html)>.

COUTINHO, Ismael de Lima. *Gramática histórica*. 6. ed. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1968.

FARIA, Ernesto. *Dicionário escolar latino-português*. 4. ed. Rio de Janeiro: MEC, 1967.

ILARI, Rodolfo. *Linguística românica*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1999.

LASO, Abelardo Moralejo. La J española y la J árabe, Alfajarín y otros topónimos. *Archivo de Filología Aragonesa*, 20-21 (1977). Disponível em: <<http://ifc.dpz.es/publicaciones/ebooks/id/751>>.

MANCINI, Marco. Edito. In: LO MONACO-PIERA, Francesco Molinelli. (a cura di). *L'Appendix Probi*. Nuove prospettive di ricerca. Firenze: Sismel-Ed. del Galluzzo, 2007.

SILVA NETO, Serafim da. *História do latim vulgar*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1957.